



O fenômeno da propriedade sob o viés da clínica fenomenológica-existencial: Um estudo de caso

The phenomenon of ownership from the perspective of the phenomenological- existential clinic: A case study

10.56238/isevmjv3n2-022

Recebimento dos originais: 12/03/2024

Aceitação para publicação: 02/04/2024

Erickson Lima de Carvalho

E-mail do autor: psi.erickoncarvalho@gmail.com

RESUMO

O presente artigo alude sobre a propriedade como possibilidade desvelada pela tonalidade afetiva da angústia a partir da perspectiva heideggeriana de *Dasein* (Ser-aí). A partir dessa perspectiva, a clínica fenomenológica-existencial apresenta-se como um modo de abertura de sentidos, desvelando a propriedade do ser, pois nesse modo de fazer-se clínico, retira do ser-aí propriedades ontológicas dadas previamente. Desse modo, o objetivo geral do presente artigo foi o de compreender o fenômeno da propriedade sob o viés da clínica fenomenológica-existencial a partir de um estudo de caso, do tipo descritivo. A coleta dos dados se deu a partir de 8 sessões de psicoterapia. Assim sendo, os dados foram analisados por meio do método qualitativo, aprofundados nos fenômenos advindos do processo terapêutico. A partir dos resultados, constatou-se que o fenômeno da apropriação é permeado pela angústia, que faz um retorno ao ser, na captação do nada. Através da apropriação, do mundo do próprio torna-se possível assumir o seu lugar enquanto ser-no-mundo, expressando seus desejos e vontades, reconhecer os seus sentimentos e abrir-se às possibilidades, compreendendo que irão existir limitações e frustrações, deixando transparecer a tensão entre o querer e o poder. Em outras palavras, conquistar a sua medida existencial.

Palavras-chave: Propriedade, Angústia, Psicologia, Clínica fenomenológica-existencial.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo alude sobre a propriedade como possibilidade desvelada pela tonalidade afetiva da angústia. Contudo, a propriedade aqui abordada está ligada ao modo de existir, onde o ser busca a verdade da própria existência. A partir da perspectiva heideggeriana de *Dasein* (Ser-aí), percebe-se que diante da angústia surgem possibilidades existenciais, capazes de velar os entes do-interior-do-mundo que exercem sobre o existir próprio e impróprio.

Cabe, portanto, analisar que ao viver de forma imprópria, o ser-aí não se dá conta de sua impropriedade, pois esse modo de existir ainda não se abriu para ele como impropriedade. Nesse sentido, a angústia se torna fundamental para a suspensão dos entes do-interior-do-mundo, pois a partir disso, o ser-aí passa a encarar-se frente-a-frente e identificar o seu modo impróprio de existência (BERNARDO, 2018). A partir dessa perspectiva, a clínica fenomenológica-existencial



apresenta-se como um modo de abertura de sentidos, desvelando a propriedade do ser. À vista disso, surgiu o seguinte questionamento: Como a clínica fenomenológica-existencial desvelada a propriedade do ser e expande os horizontes de poder-ser?

Destarte, observando que esse modo de clínica se volta à compreensão do si-mesmo (*Selbst*), do ser-aí (*Dasein*), acompanhando o modo como tal compreensão da sua possibilidade como “ser-em-o-mundo” (*In-der-Welt-sein*), que se desdobra no seu existir, pressupõe-se que, considerando a desconstrução e a prescindibilidade da subjetividade, esse modo de fazer-se clínico, retira do ser-aí propriedades ontológicas dadas previamente. Através disso, a existência, ao tempo em que se define por sua nadaidade, logo sem possibilidade alguma que a determine a princípio, passa a destinar-se obrigatoriamente a ter de ser para conquistar o seu ser (DEPTULSK, 2014).

Seguindo esses pressupostos, o objetivo geral do presente artigo foi o de compreender o fenômeno da propriedade sob o viés da clínica fenomenológica-existencial a partir de um estudo de caso. Para tal, os objetivos específicos foram: identificar o conhecimento prático e teórico da atuação do psicólogo clínico com abordagem fenomenológica-existencial; reconhecer os fundamentos filosóficos, teóricos e características dessa abordagem; estabelecer relações entre conhecimento teórico e prático de atendimento psicoterapêutico; e, analisar os fenômenos que permeiam o processo clínico fenomenológico-existencial.

Observa-se, portanto, a relevância dessa temática ao elucidar de forma prática os aportes teóricos e metodológicos do fazer-se clínico sob o viés fenomenológico-existencial, compreendendo o ser em essência a partir dos conhecimentos de Martin Heidegger. Desse modo, o presente artigo se tratou de um estudo de caso, do tipo descritivo. A coleta dos dados se deu a partir de 8 sessões de psicoterapia, salvaguardando o sigilo terapêutico e os princípios éticos do profissional de Psicologia. Os dados foram analisados por meio do método qualitativo, aprofundados nos fenômenos advindos do processo terapêutico.

Nessa perspectiva, após esta breve introdução, segue-se o desenvolvimento do presente trabalho, apresentando de modo descritivo os atendimentos realizados com base na análise existencial do caso, acompanhados pelas considerações finais do autor a respeito dos objetivos aqui elencados e as referências que nortearam o escopo deste artigo.



2 ER-EIGNEN: DESCOBRIR COM O OLHAR, DESPERTAR COM O OLHAR, APROPRIAR: O ESTUDO EXISTENCIAL DO CASO DE P. V. N. M.

No intuito de representar o presente estudo de caso, exponho uma análise dos atendimentos realizados durante esse período, aprofundando na compreensão do caso de P. V. N. M., 22 anos, acompanhado durante 8 sessões no período de outubro a dezembro de 2020, a luz da abordagem fenomenológica-existencial.

O jovem, a quem tratarei como analisando, queixava-se de depressão e crises de ansiedade, além de possuir dificuldades de relacionamento interpessoal. Ele mora com a mãe, a tia, a avó e uma irmã. Sempre morou no mesmo lugar desde a sua infância, em um bairro no interior da grande São Luís-MA. Atualmente trabalha como moto-táxi, realizando corridas e fretes, com o qual colabora na renda familiar e pode suprir algumas de suas necessidades. É evangélico praticante da Igreja Adventista do Sétimo Dia e frequenta regularmente a igreja.

P. V. N. M. chegou à psicoterapia com uma necessidade de falar, ser ouvido e acolhido. Na medida em que ia falando sobre os diversos momentos de sua vida, fora encontrando uma escuta sem pressa e acolhedora, que o fez adentrar no seu passado e relatar um abuso sofrido aos 7 anos, que como forma de superá-lo, tentou esquecê-lo. E quando perguntado se tivera falado isso para alguém na época, ele disse que: “não, tinha medo de ser malvisto” (sic). Em seguida, passou a pontuar os problemas que sofrera na adolescência com alguns amigos, por seu jeito tímido e quieto de ser. O analisando durante o primeiro atendimento sempre tocava em um mesmo ponto: depressão, ansiedade, angústia e isolamento.

A cerca do isolamento, ele relatou que se fechou, não se permitindo relacionar-se facilmente, inclusive sexualmente. Enquanto isso, buscava distrair-se nas coisas que sempre gostou, como jogos e desenhos animados, que para ele poderiam trazer além de diversão, uma filosofia de vida, pois este acreditava que os personagens dos desenhos animados tinham uma real história de superação. Como forma de sair da estranheza com o mundo, o analisando também buscava na internet sentidos e significados para aquilo que sentia, como: “por que as pessoas ficam tristes? Como ser feliz? O que é depressão? Sintomas de ansiedade” (sic).

Embora tenha relatado sobre sua dificuldade de relacionar-se com os outros, ele pontuou que em algum momento houve um despertar, que o fez “buscar amadurecimento”. Essa abertura às possibilidades faz alusão ao vazio existencial em que se encontrava, onde de dentro de sua nadidade, pôde perceber os horizontes de sentidos que estavam a sua volta (BARCELLOS, 2014). O que o levou a “persistir”, interpretando que embora tenha depressão, ela “não mata, deixa forte”, e que passou a permitir-se ir jogar futebol com os amigos do bairro, relacionar-se com uma jovem



menor de idade, tentar retornar ao grupo de desbravadores da igreja, no qual não tivera uma experiência muito boa na infância. Além disso, a busca por certo nivelamento através dos conselhos da avó, pois segundo ele “vivo por conselhos”, e na avó encontrou em alguma medida uma referência de “boa fé” e de experiência de vida.

O primeiro atendimento me fez refletir sobre o conceito de *Dasein* e de que eu estava diante de uma existência, portanto, os fenômenos ali apresentados, embora não fizessem sentido em um primeiro momento, falavam do analisando e de que o discurso que para mim parecera desorganizado, possuía certa organização. Isto, me impulsionou a focar na existência que estava diante de mim, renunciando a meus pré-conceitos e da técnica, para compreender os sentidos que permeavam a clínica fenomenológica-existencial.

No segundo atendimento, o analisando relatou ter se sentido triste durante a semana, e que isso o fez permanecer mais tempo no seu quarto e fazer pesquisas na internet para compreender o sentido de sua “tristeza”. A medida em que eu ia perguntando sobre esse sentimento, ele foi trazendo alguns acontecimentos que lhe provocaram certas chateações. Pelo fato de trabalhar com fretes, ocorre que algumas vezes do dia ele é solicitado para ele. Contudo, algumas pessoas costumam lhe pedir favores, e isto lhe causa certo incômodo. Ele relatou que essas pessoas às vezes tentam “tirar vantagens” disso, o que tende a provocar respostas mais agressivas de sua parte. Quando perguntando sobre quais são essas vantagens, ele se remeteu ao passado e às suas brincadeiras com os colegas de infância: “dar um tapa leve e levar um tapa mais forte” (sic).

Essa frase fez alusão ao abuso sofrido na infância, e foi nesse fenômeno que tentei me aprofundar, perguntando-lhe sobre sua reação a respeito disso. Ele relatou que não fazia nada, que sentia uma parcela de culpa, por permitir que as pessoas fizessem isso com ele. E o que na primeira sessão parecera ter sido somente um abuso, foi somado por diversos outros, não possuindo necessariamente um cunho sexual.

Ele se reclamava de que uma criança tem sempre que fazer o que os mais velhos lhe pedem. Falar sobre esse sentimento, o fez apresentar algumas reações físicas, principalmente em seu olhar. Pois, o abusador além de fazer parte da sua família, era um pouco mais velho que ele. Ao refletir a esse respeito, o analisando dissera que “ele deve ter passado por isso e quis fazer isso comigo” (sic). Percebi nesse momento, que embora ele relatasse que teria superado essa situação, ela sempre se tornava recorrente em seu diálogo, apresentando certo sofrimento que lhe causava incômodo.

Nesse sentido, o analisando buscava respostas para justificar o ato de abuso que sofrera, pois, quando perguntado sobre porque ele considerava que o abusador tivesse passado pelo mesmo e por isso ter feito tal ato com ele, o analisando respondeu: “não consigo ver como um ‘abuso’”



(sic). Isto posto, conforme o analisando considerava ter uma parcela de “culpa” nessa história, pois permitiu o desfecho e se calou depois. Contudo, ainda acrescentou: “ele está pagando, ele hoje é homossexual” (sic). Eu perguntei se o abusador deveria pagar pelo que ele fez e se o fato de ser homossexual era uma pena, ao que o analisando respondeu que “sim, isso é um castigo”.

Quando perguntado como se sentia com relação a todos esses acontecimentos, ele relatou que “eu sinto que o problema não estava comigo, que eu não tive culpa do que ele fez comigo” (sic). Dado que perguntei: Você já se sentiu culpado? E ele respondeu: “sim, muito e por muito tempo, nunca falei isso pra ninguém” (sic).

Segundo o analisando, uma forma de tentar entender o que se passava com ele, era realizar buscas na internet, inclusive sobre o sentido da psicoterapia, demonstrando a permanência algumas vezes no pensamento calculante. Ao que lhe perguntei: interessante, você me diz que realiza constantes pesquisas na internet para encontrar respostas para aquilo que sente, mas você já tentou encontrar essas respostas dentro de você?

Essa pergunta o calou por alguns minutos, o que me fez observar o ser a minha frente, que desde a primeira sessão ao entrar no consultório ainda não tinha se calado assim uma única vez. Pois, segundo Deptulski (2014), falar muito não é sinal de compreensão, mas um possível velamento daquilo que se quer mostrar. Esse calar-se, tal como o ouvir, se constitui como uma maneira originária do discurso do ser-aí, o calar-se, portanto, possui a mesma forma que um se dá a entender.

Nesse sentido, quando o analisando retoma a sua fala, ele apresenta um trecho bíblico que diz:

Então Jesus foi com eles a um lugar chamado Getsmâni e disse aos discípulos: “Sentai-vos aí enquanto vou ali para orar” Levando Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. Disse-lhes, então: “*Minha alma está triste até a morte. Permanecei aqui e vigiai comigo*”. E, indo um pouco adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: “Meu Pai, se for possível, que passe de mim esse cálice: contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres” (BÍBLIA, Mateus, 26: 36-39, grifo do autor).

Conforme o analisando, esse “entristecer-se” e “angustiar-se” de Jesus era um sinal de que ele também tivera depressão e de que isso pode acontecer com todos. Nesse sentido, o analisando queria encontrar a medida de sua tristeza, debruçando-se atrás da depressão que tivera, como explicação de seus sentimentos diante de sua história de vida. Visto que, a angústia nos estranha, mas no devolve ao nosso próprio ser, que em seu fundamento é o nada (BERNARDO, 2018).

Por conseguinte, no terceiro atendimento o analisando relatou ter se sentido bem desde o atendimento anterior. Porém quando perguntado sobre esse “sentir-se” bem, começou a relatar



alguns fatos que não trouxera ao consultório. Ele conseguiu identificar estar sentindo falta de entusiasmo para realizar algumas tarefas cotidianas e, sobretudo, sua dificuldade em relacionar-se com outras pessoas, e quando perguntado sobre essa dificuldade, se ele conseguia observar a sua origem, o analisando a associou às frustrações e rejeições do passado. O que demonstrou a presença em um pensamento meditante e reflexivo sobre a sua história. Ressalta-se que em nenhum momento o analisando trouxe a questão do seu relacionamento/namoro com a menor de idade.

A respeito das frustrações, elencou cenas da infância vividas com seus amigos, que quase sempre lhe tiravam proveito. O mesmo acontecia quando relacionava a sua família. O analisando relatou que possuía dificuldade em dizer “não” para as pessoas quando criança. E nas vezes em que se sentia à vontade para se negar o pedido de emprestar alguma coisa, as pessoas solicitavam à sua família, que cedia. E, isso lhe causava um sentimento de angústia e de não valorização, que no consultório ele conseguiu traduzir como a necessidade de “saber se impor (sic)”.

Durante esse atendimento, ele passou a pontuar todas as possibilidades que agora estava se permitindo, inclusive a de tentar se conectar com outras pessoas, jogar futebol com os amigos do bairro, sair e se divertir, estudar, realizar a prova de vestibular. Mas sempre em seu discurso ele retornava ao passado com um “e, se...”. Esse retorno acabava por elucidar um sentimento de arrependimento e culpa, que o faziam viver o hoje como uma forma de consertar o passado e não de abrir-se aos horizontes de sentido. Ao ser perguntado sobre esse sentimento, ele associou à necessidade de obter respeito das pessoas, coisa que ele não tivera antes e que hoje ao se posicionar, percebia um grande efeito.

Como uma forma de dissolução do sofrimento, ou seja, da dor da dor, fiz perguntas que levaram ao analisando observar as suas possibilidades, de modo a encontrar a medida existencial e exercitar o cuidado de si, contudo, não se desvinculando da alteridade (FEIJOO, 2017).

O analisando ressaltou que agora deveria “encarar o que fizeram com ele como parte também (sic)”, ou seja, ele ainda se culpava pelos abusos sofridos durante a infância, só que agora com um discurso diferente. Quando perguntado se ele se fixaria a uma incerteza de culpa ou viveria o hoje, ele se calou. E depois de algum tempo, segundo ele, a partir daquele momento ele deveria “colher as coisas boas e deixar as ruins de lado, deixar a ficção de lado para viver a vida real (sic)”.

Ele fez referência a ter deixado os desenhos animados e filmes que assistira, onde tanto buscava respostas, passando a olhar para si para encontrar tais respostas. Ele elencou a necessidade de voltar a ler e estudar. Ao perguntar: O que você tem feito para fazer isso? Ele respondeu: “interpretar que a vida tem momentos bons e ruins, nuvens escuras e nuvens claras (sic)”. E: o que você vai fazer daqui em diante? Nesse ponto, ele ressaltou a criação dos pais com um olhar



positivo, embora eles não considerassem a sua vontade e opinião algumas vezes, e com respeito a sua família concluiu que precisaria “se impor de forma não orgulhosa e não agressiva, e sim, respeitosa (sic)”.

A infância era um lugar marcante para ele, ressaltando hoje a necessidade de “se impor” e de “amadurecimento”. A busca por maturidade lhe faz querer romper o silêncio do “não” que não conseguira estabelecer na infância. Conforme Vieira (2015), a palavra infância possui a sua origem no latim *infantia*, proveniente do verbo *fari*, que especificamente significa falar. *Infantia*, portanto, é formada pelo particípio presente *fan* (falante) e de sua negação *in*. O *infans*, é considerado como aquele que ainda não adquiriu a forma própria de se expressar, não possui uma linguagem articulada.

A busca por essa diferenciação estava se tornando presente cada vez mais na vida de P. V. N. M., como uma forma de apropriar-se de si mesmo como um *Dasein*, saindo do sentimento de impropriedade, de não poder ser ele mesmo. E, essa mudança é permeada pela angústia, que faz um retorno ao ser, na captação do nada. A esse respeito, Heidegger (2018, p.18-19, grifo do autor) aponta que,

O fato e a maneira como o homem está entregue como propriedade ao ser e como o ser é apropriado ao homem. Trata-se de simplesmente experimentar este ser próprio de, no qual homem e ser estão reciprocamente a-propriadados, experimentar que quer dizer penetrar naquilo que designamos *acontecimento-apropriação*. A palavra acontecimento-apropriação é tomada da linguagem natural. “*Er-eignen*” (acontecer) significa originalmente: “*e-äugnen*”, quer dizer descobrir com o olhar, despertar com o olhar, apropriar.

Nessa perspectiva de apropriar-se de si, o analisando chegou no quarto atendimento relatando ter tido uma semana produtiva, e que pôde se abrir as possibilidades e se permitir realizar as atividades que na sessão passada dizia não sentir entusiasmo. Quando perguntado sobre como se sentia quanto a isso, disse que se sentia bem. Contudo, relatou ter tido alguns problemas com algumas pessoas que lhe pediam favores, entre elas a sua irmã, sentindo-se muitas vezes com raiva.

Ao falar sobre isso começou a remeter à sua infância. Relatou que quando criança, embora não quisesse fazer favores, ele sempre era designado para o mesmo e não poderia não aceitar, pois sua mãe dizia que ele teria que fazer. Com dúvidas a respeito desse sentimento, ele procurou um amigo, para perguntar-lhe como ele agia frente a essa situação. Dado que o amigo lhe falou que é normal sentir raiva nesse momento, que algumas pessoas realmente se aproveitam e que ele pode negar-se a não fazer esses favores. Percebe-se então a busca constante por um nivelamento.

Ao ser perguntado sobre o que ele achava sobre isso, ele disse que era assim que também pensava. Retomando o que ele disse no primeiro atendimento “vivo por conselhos”, percebe-se



que embora ele queira impor as suas decisões, a busca por nivelamento tem se tornado um meio pelo qual o analisando não se isente da culpa de suas decisões, entregando-a ao outro.

Nesse sentido, perguntei sobre a sua maturidade e sobre o fato de ter que se responsabilizar por suas escolhas. A esse respeito, ele respondeu que estava deixando de assistir desenhos animados e reconhecia o que tinha que fazer, embora saiba a existência de limitações. Quando perguntei: o que te limita? Ele não conseguiu reconhecer inicialmente, mas aos poucos foi pontuando a dificuldade de se concentrar, que dificulta os seus estudos.

Segundo ele, sofrera com esse problema desde a infância. Associou esse fato a não conseguir ler o que queria quando era criança, livros de mangá, pois sua mãe sempre o fizera ler livros que não gostara. Assim, para conseguir estudar, buscava alguns vídeos de seu interesse.

Nessa sessão, o analisando expressou estar aberto às mudanças que estavam ocorrendo em sua vida e às possibilidades de vir-a-ser. Pontuou que estava tentando “lembrar do passado sem me fixar nele (sic)”. Ao relatar sobre a depressão da sua tia, fora lhe perguntado se a depressão lhe limitava e mais uma vez: o que te limita? Ao que ele respondeu: “ficar em casa!”. Nesse sentido comentou que estar em casa era não ter sentido “é aí que a depressão vem (sic)”. A casa para ele era um retorno à falta de possibilidades, onde ele se deparava diante da sua finitude, do tédio, do nada, do vazio.

Contudo, ao sentir-se assim, ele buscava sair, não como uma fuga, mas como uma forma de buscar sentidos, pois “a angústia permite tomar a decisão”. E ao falar sobre a depressão, ele disse: “antes eu tinha medo dela, hoje eu a encaro. Ela tem medo de mim, me sinto bem porque hoje eu faço coisas que eu antes não fazia e deixava ela entrar (sic).”

Durante o quinto atendimento, o analisando relatou estar se sentindo bem e ter tido uma semana proveitosa, jogou futebol com os amigos e realizou fretes. Entretanto, apontou que sentira a necessidade de estudar, porém estava pensando em desistir da prova de vestibular, pois não se via preparado. Nesse sentido, perguntei-lhe o porquê de estudar e o porquê não estudar e, a partir disso, ele se refletiu aos seus planos para o futuro, de se formar e de ser uma pessoa bem-sucedida. Assim, o diálogo se voltou novamente para a questão da maturidade e o fato de que isso advém de responsabilidades, consequências e frustrações.

Ao ser perguntado se ele conseguia definir as principais coisas da sua vida, o analisando apontou três como as mais importantes: “família – amigos – estudar” (sic). Mais uma vez a questão de estudar retornou a seu diálogo e, em vista disso, foi perguntado: Por que você elenca algo importante que não faz? Existe alguém bem-sucedido que você reconhece? E ele respondeu: “Sim, meu tio”. E, perguntei-lhe: O que ele fez para ser bem-sucedido? O analisando refletiu sobre e



falou: “ele estudou muito, trabalhou muito e conseguiu vencer na vida”. E nessa perspectiva perguntei-o: E o que você precisa fazer? Ao que ele respondeu: “Deus vai me dizer!”.

Ao lhe perguntar por que seria Deus quem deveria dizer isso, ele informou: “porque ele sabe de tudo e conhece tudo”. Ao pedir que ele falasse algo importante que Deus lhe dissera, o analisando apresentou o seguinte trecho bíblico:

Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto; pois tudo o que pede recebe; o que busca acha e a que bate se lhe abrirá. Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho se este pedir pão? Ou lhe dará uma cobra, se este lhe pedir peixe? Ora, se vós que sois maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará coisas boas aos que lhe pedem! (BÍBLIA, Mateus, 7: 7-11).

Tendo em vista o trecho acima, perguntei-lhe: você já bateu na porta? Ela já se abriu para você? E, ele respondeu: “sim, Deus não fecha a porta mesmo que ela seja estreita” (sic). No intuito de levá-lo à reflexão sobre as suas possibilidades, indaguei-o: O que você vê por trás dessa porta, o que você encontrou? E ele respondeu com o trecho de um salmo bíblico: “tira a venda dos meus olhos para que eu possa contemplar as maravilhas que vêm de tua lei” (BÍBLIA, Salmos, 119: 18).

Associei a venda nos olhos ao passado que tanto lhe machucara, que de certo modo fechara seus horizontes enquanto poder ser. Assim, perguntei-lhe: E o que te venda agora? E ele respondeu, cabisbaixo: “Meu passado e o futuro”. Nesse momento encontrei uma abertura para lhe falar sobre o apego ao passado, que já se viveu e ao futuro, que é incerto. A única certeza que se tem é o hoje enquanto existência no mundo. Ele refletiu sobre e falou que “a vida é um jogo”. Essa metáfora permitiu associar a sua vida ao jogo que tanto gostara, o futebol.

Ele apontou que quando se trata de jogo ele prefere ganhar do que perder. Nesse jogo ele é o goleiro, passivo de ataques e somente deve defender para que o time adversário não marque pontos. A reflexão surgiu quando ele pensou “já está na hora de sair do gol e partir para o ataque”. Associando que, por muito tempo ele esteve no lugar do impróprio e agora reconhecera a necessidade de conquistar o seu caráter de poder ser.

Nesse sentido, Feijoo (2017, p. 139) retomando o pensamento de Heidegger, discute que o ser-aí possui três caracteres: ser-sempre-meu, ter-de-ser e poder-ser. “O poder ser, diz respeito ao fato de o ser do homem nunca se caracterizar como algo de uma ordem natural simplesmente dada. Essa indeterminação originária é que caracteriza o homem como liberdade”. Desse modo, ao tomar-se como algo dado, com uma identidade definida, o homem se esquece de suas possibilidades. E esse esquecer-se é o que muitas vezes lhe restringe e causa sofrimento.

Em busca desse poder ser, o analisando relatou ter que “correr contra o tempo”. Isto alude que diante de sua finitude, ele observa o quanto de possibilidades não vivenciou. Nesse âmbito,



tive de tentar levá-lo novamente a reflexão, desviando-o da técnica e do pensamento calculante, para que através de um pensamento meditante, ele pudesse se debruçar sobre aquilo que lhe é mais próximo, para não se fixar somente no aspecto das coisas, mas meditar e refletir sobre elas (FEIJOO, 2017). Ao sair desse pensamento calculante ele disse: “não preciso correr atrás, mas eu preciso correr junto” (sic), projetando-se assim enquanto *Dasein*.

No sexto atendimento, o analisando trouxe uma questão sobre um frete que realizou e a cliente não o pagou, porém, ela insistia que lhe tinha pagado. Quando o perguntei como se sentia frente a isso, ele respondeu que preferia evitar conflitos, “tudo na vida a gente tem que evitar conflito” (sic). Esse evitar conflitos, ele remeteu a não ser “ponte pra que todo mundo passar por mim”. Se referindo ao fato de não querer mais ser pisado. Perguntei-lhe: Você se considera uma ponte? E ele respondeu: “eu sou aquelas pontes levadiças, mas eu não quero ser mais ponte, eu quero ser quem controla a ponte” (sic).

Comandar a ponte seria comandar a sua vida e pôr em ordem as coisas que estão sob o seu domínio. Mas ao perguntar quem o controlava, ele respondeu: “Deus, ele controla tudo”. Diante disso ele passou a relatar a importância de um presidente de um país, por ser a pessoa que tem o controle de uma nação. Nesse mesmo discurso ele falou de seus medos que “antes tinha, agora não mais”. E quando perguntei qual medo ele sente hoje, ele disse: “medo de não dá mais conta”. E continuou: “certeza, só faço aquilo que tenho certeza (sic)”. Mas, quando indaguei quais as certezas ele tinha e de onde elas vinham, ele respondeu: “de Deus!”.

Através disso ele começou a falar de um documentário que assistira e que lhe trouxera muitas reflexões. Ao falar de trechos importantes deste documentário, relatou que o mesmo fala que “Deus nunca nos abandona, pois estamos cercados de anjos”. Através disso, perguntei-lhe se em algum momento de sua vida ele se sentira abandonado, e olhando para o lado ele respondera: “Sim, muitas vezes, minha mãe, minha família e eu me isolei, eu não quero ficar em uma ilha deserta (sic)”. Quando lhe perguntei o que havia o colocado nessa “ilha”, ele fez alusão às situações de abuso que havia exposto nas sessões anteriores e que, nesse dia, não sentira abertura para tratar.

Então, perguntei-lhe: mas você é a ponte ou quem controla ela? Ele respondeu: eu sou quem controla! E, a partir disso indaguei-o: Então por que você não sai da ilha e atravessa essa ponte? Nesse momento, mais uma vez ele calou fundo, respirou e refletiu. “Eu não quero mais ficar na ilha, eu quero somente observar a ilha de longe (sic)”.

Essa sessão fez refletir que ainda existe um afeto de prejuízo que lhe causa incômodo e de que em alguma medida, ainda existem pessoas com as quais ele se sente prejudicado. Esse “ser



ponte”, passa a ser compreendido para além de um simples caminho para travessia, mas como algo que liga sentidos e atravessa precipícios.

Durante o sétimo atendimento, o analisando expôs que saíra com a mãe para realizar compras. E, aparentemente algo que parece ser tão simples, para ele era um feito grandioso. Isso, se deve ao fato de que nesse dia ele se permitiu realizar escolhas, lidando com as consequências disso. Segundo ele, a mãe iria sozinha realizar compras e mais uma vez, seria ela quem escolheria o que ele usaria. Ele, porém, tomando sua decisão foi junto com a sua mãe e escolheu as coisas que queria da forma que queria, mesmo a mãe se opondo às suas escolhas.

Nesse sentido, ele relatou que essa situação lhe trouxera um sentimento muito bom de realização, e disse que iria fazer isso mais vezes, embora sempre sofra “influências”. Quando indagado sobre o que lhe influencia, ele respondeu que

“sempre recebemos influência, direta e indireta, não vê a televisão? Eu assistia aquelas pessoas e via roupas que eu gostava e eu quis comprar roupas assim, minha mãe que sempre comprava pra mim, ela nunca comprava como eu queria e eu tinha que vestir o que eles me davam (sic)”.

Ao retornar a metáfora da ilha, ele respondeu “eu saí de lá, não quero levar a culpa de algo que não fiz (sic)”. Nesse sentido, percebi a sua pre-sença em meditar sobre os acontecimentos do passado, principalmente com relação a culpa do outro que era tão presente em seu discurso e que carregava com sofrimento e agora se liberta dela.

Nessa perspectiva, o analisando destacou a importância de participar de grupos de amigos “necessidade de sair, curtir, balada (sic)”, coisa que ele nunca se permitiu, pois somente possuía os amigos do jogo de futebol. Assim, dando um passo atrás no modelo normativo e moralizante que ele estabelecera para si, precisando da técnica para antecipar, guiar e controlar, o analisando passa a querer conquistar a sua medida existencial (FEJOO, 2017).

O analisando apresentou um trecho de uma música Epitáfio¹, que segundo ele definira como estava se sentindo até o momento, na qual ele “devia ter amado mais [...]”.

Ao perguntar o sentido da música para ele, ele respondeu com uma fala do filme Múmia: “viva o hoje, lute amanhã”. Tanto a música quanto a frase do filme falavam dele, enquanto aquele queria encontrar a sua medida e se lançar os horizontes de sentidos e possibilidades que se apresentavam. Todavia, aquele medo de não dar conta passara a apontar os medos da infância, dos quais ele conseguiu apontar como: “o carro que levava meninos no bairro, chuva, furacão, o

¹ BRITTO, S. Epitáfio. In: _____. A Melhor Banda de Todos os Tempos da Última Semana. Rio de Janeiro: Ars Studios, 2002. 1 CD. Faixa 6.



medo de perder a casa, filmes de terror”. Coisas essas que hoje não fazem sentido, mas que tiravam a sua segurança.

O oitavo atendimento foi o último, consistiu em uma devolutiva. Inicialmente foi aberto um espaço de acolhimento para a escuta de como o analisando se sentira no decorrer da semana. Ao chegar no consultório ele já fala: “não faltei no primeiro, não iria faltar no último (sic)”. Nesse momento ele relatou que se sentira bem durante a semana e estava se permitindo a estudar e a realizar as suas atividades. Pontuou estar de fato em um caminho de “amadurecimento”. Agora, segundo ele, conseguia comandar a sua existência e diante das vivências do passado e das pessoas que o prejudicam não se via mais como uma “marionete”.

Quando perguntei sobre como deixar de ser marionete, ele respondeu que isso só ocorreu quando ele se permitiu ao conhecimento. Em seu discurso tratou a questão de poder, que identificou em um personagem de desenho animado Lex Luthor. Quando perguntei o porquê desse personagem, ele relatou que ele possuía “poder, domínio e comando, ele parece tão simples, mais é muito rico e comanda uma cidade inteira”.

Através dessa imagem, ele observou a sua possibilidade de poder-ser, reconhecendo a sua propriedade. A partir de então, perguntei-lhe: você consegue visualizar o que você evoluiu desde o primeiro atendimento até hoje? O analisando, sem demora, começou a trazer em seu discurso os pontos relevantes que foram trabalhados em clínica, ressaltando a nova forma como passou a encarar o seu passado, deixando de se esconder atrás da depressão, o sentimento de uma culpa que não lhe pertencia, as responsabilidades de se tomar novas decisões, a sua dificuldade de concentração que estava ligada a não ter afinidade com conteúdo que não lhe interessavam, e que hoje “eu não vou correr contra o tempo, eu vou correr junto com ele” (sic). E, ainda: “caiu a venda dos olhos (sic.)”, que Heidegger (2018) trata como descobrir com o olhar, despertar com o olhar, apropriar-se.

Nesse sentido em conjunto com ele, fomos observando as coisas que ainda precisavam ser trabalhadas, como: assumir responsabilidades, pois “a porta já está aberta, caiu as vendas dos olhos”, assumir o seu lugar enquanto ser-no-mundo, expressando seus desejos e vontades, como ele mesmo pontuou “de forma respeitosa e não agressiva”, reconhecer os seus sentimentos e abrir-se às possibilidades, compreendendo que irão existir limitações e frustrações, deixando transparecer a tensão entre o querer e o poder. Em outras palavras, ele deveria continuar em busca da sua medida existencial. E, quando perguntei sobre os atendimentos, ele respondeu: “foi muito bom, eu me dei conta de mim mesmo, por isso eu não faltei”.



3 CONCLUSÃO

Iniciar na clínica fenomenológica-existencial é abrir-se ao outro e demorar-se-junto-a. Essa relação entre analista-analisando requer a saída do mundo da técnica. Nesse sentido, a formação em Psicologia às vezes é munida da técnica que acaba transparecendo ao entrar no consultório. Deixar essa técnica de lado para entregar-se ao *Dasein*, não foi uma tarefa fácil, contudo, não foi impossível.

À medida que os atendimentos iam passando, se tornava cada vez mais claro a forma de como acompanhar o analisando nesse processo. Assim, compreendi a importância de caminhar junto e não se forçar a realizar intervenções. Estas, são suscitadas pelo fenômeno que se apresenta. Embora, permeado de dificuldades, analista-analisando conseguiram aprofundar-se na existência e, ali, nessa relação, o analisando ao tomar para si um pensamento meditante, passara a elaborar muitas questões de sua vida e a permitir-se vir-a-ser no mundo.

Nessa perspectiva, fui lançado ao espaço de liberdade, pois neste tipo de abordagem não existe um manual pronto de como lidar com os processos clínicos. A clínica fenomenológica-existencial é experiência e somente esse debruçar-se ao outro e estar disponível ao *Dasein* pode permitir esse fazer-se enquanto analista. Desse modo, diante da angústia do poder-ser, me movi a apreender esse processo, considerando o meu nada e, a partir dele, o tudo de possibilidades que poderia realizar.

Nesse âmbito, foi possível identificar o conhecimento prático e teórico da atuação do psicólogo clínico com abordagem fenomenológica-existencial. Reconhecendo os fundamentos filosóficos, teóricos e características dessa abordagem e estabelecendo relações entre conhecimento teórico e prático de atendimento psicoterapêutico, além de conseguir analisar os fenômenos que permeiam o processo clínico fenomenológico-existencial.



REFERÊNCIAS

BARCELLOS, I. A. As duas faces da morte: da impessoalidade de-cadente à de-cisão antecipadora. Uma reflexão a partir do pensamento de Martin Heidegger. 2014. 167f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: <<https://cutt.ly/ChTM0uj>>. Acesso em: 28 dez. 2022.

BERNARDO, G. B. E. Existência e angústia no pensamento de Martin Heidegger. 2018.110f. Dissertação (Mestrado) – CCHLA, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br>>. Acesso em: 28 dez. 2022.

BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. 6. impr. São Paulo: Paulus, 2010.

DEPTULSK, G. T. O lugar ontológico da linguagem em Ser e Tempo. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1990/1/Dissertacao%20Gabriela%20Deptulski.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2022.

FEIJOO, A. M. L. C. Existência & Psicoterapia: da psicologia sem objeto ao saber-fazer em psicologia clínica. Rio de Janeiro: IFEN, 2017.

HEIDEGGER. M. Identidade e diferença. 1. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2018.

VIEIRA, R. F. M. Resignificando o papel social da infância: diálogos entre a escola e a família. 2015. 42f. Monografia (Especialização) – Instituto A Vez do Mestre, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/53336.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2022.